



DESUMANIZADOS

Nélio Silzantov

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

ÍNFIMO INFORTÚNIO NA TERRA

I

Quase tudo na vida inicia-se como um ensaio, traços imprecisos de uma imagem fixada num plano de perfeições onde habitam as ideias e sentimentos. Vez ou outra ocorre o inverso, e aquilo que surge como um fenômeno arrebatador perde pouco a pouco seu magnetismo, transfigurando-se num vulto imperceptível, condenado à lembrança saudosista de poucos observadores, inexistente para todo o resto. A ligação entre duas pessoas segue a mesma lógica. Amores, amizades, desafetos, relações de todo tipo constituem-se cada um à sua maneira, e a mensura da intensidade e duração delas independem do tempo, apesar de não escaparem das intempéries inerentes a ele. Ao fim de tudo, o que importa é aquilo que fica, o que atingiu a plenitude da sua existência e fixou-se na eternidade. O primeiro sentimento que Dolores teve, no amanhecer daquela terça-feira chuvosa, foi a estranha sensação de que algo definitivo aconteceria em sua vida — apesar de não dar à mínima para pressentimentos e considerar o destino uma ideia absurda. Nas últimas horas do final de semana, quando Elizabete bateu em sua porta com um sorriso largo no rosto e algumas malas na mão, Dolores não acreditou naquele reencontro após longos anos. Um forte abraço trouxe à tona lembranças de um passado distante, quando o futuro das duas amigas era apenas um sonho juvenil de amores e liberdades. Após uma longa exposição dos fatos mais importantes de sua vida, e de ressaltar

enfaticamente que o seu casamento com Marco era coisa do passado, Elizabete reconheceu que a tarefa de recomeçar a vida não seria fácil. Teria feito isso há tempos, se não houvesse a criação de dois filhos e o falatório das pessoas ditando regras e o que ela deveria ser.

— Sei que parece loucura. E por mais clichê que isso possa parecer, preciso ser a autora de minha própria história!

Certa de que não devia satisfação alguma a mais ninguém nesta vida, a não ser a si mesma, Elizabete resolveu alforriar-se de tudo e liquidar uma dívida abandonada no passado. Dolores encarava Elizabete com ares de nostalgia e júbilo, e por mais que aquilo realmente parecesse loucura, pouco importava quais ventos trouxeram Elizabete de volta. Ela estava bem ali à sua frente, como muitas vezes imaginou nas noites de solidão mais profundas.

— Por mim, você pode ficar aqui o tempo que quiser.

Entre o apagar das luzes e o embalar do sono dividindo a mesma cama, Dolores recordou-se de quando cruzaram os olhares pela primeira vez. Naquela época, ambas estudavam no Colégio Estadual Rafael Spínola Neto, pela manhã, e à tarde frequentavam os cursos de habilidades manuais e profissionalizantes do Orfanato Lar Santa Catarina de Sena. Dolores atravessava a pior fase da sua existência. Sabia que não era a única a se revoltar contra Deus e os homens, pela vida que ela e as demais garotas da sua idade tinham. Era inadmissível que, em pleno século XXI, mesmo diante de toda evolução humana — racional, tecnológica, econômica e cultural —, inúmeras crianças e adolescentes permaneciam fadadas a experimentar as situações mais desumanas que um indivíduo poderia suportar. Ainda que no Orfanato a fraternidade fosse um exercício diário a ser cumprido, militarmente, entre as internas, Dolores sentia-se profundamente solitária. Por vezes até a mais solitá-

ria de todas as criaturas existentes. Mesmo recebendo todo o carinho e atenção dedicado pelas freiras do orfanato, a recente vida colegial não foi fácil. Dentro daqueles muros, os dias se passavam sem nenhuma distinção, numa espécie de déjà-vu cotidiano que nunca abandonou Elizabete em definitivo. Sua maior distração, a mania que dominou seu espírito nos últimos tempos, era acompanhar pelo espelho a transformação do seu corpo, como num estado contemplativo de uma obra de arte. Achava fascinante. Comparava-se com as demais garotas, curiosa em saber se elas também se assustaram quando a puberdade apresentou-se inesperadamente. Era provável que não, pois se achava diferente delas em tudo. Enquanto as garotas mais belas e populares caminhavam de um lado a outro pelo pátio, com a saia dobrada e os botões da camisa entreabertos, exibindo a formosura das pernas, barriga e seios, indiferente aos olhares inquisidores, Dolores retraía-se o quanto podia, ocultando seu corpo dentro do uniforme, esquivando-se dos olhares de quem quer que fosse.

Um dia se deparou com outro olhar tão tímido quanto o seu, instante que ficou gravado em sua memória, superando as demais lembranças daquela época. Um sentimento novo surgira naquela troca de olhares. Não podia garantir a universalidade das sensações despertadas pela atração que sentiu. Os livros, os filmes, as canções, a humanidade inteira há milhares de anos tentou exprimir o que Dolores sentiu naquele momento. Era impossível representar com exatidão tal sentimento. Em resumo, estava apaixonada. A consciência disso foi perturbadora. Era um final de tarde, acalorado pela incidência dos primeiros raios solares do verão de 1979, quando Dolores tinha então seus 15 anos. Elizabete falava sem parar sobre as coisas do seu dia a dia fora do orfanato, os passeios com suas amigas, e os planos de sua família para mudar de cidade. Às vezes Dolores ouvia aten-

tamente, quando Elizabete afirmava que escreveria cartas todas as semanas, e que morreria de saudades dos momentos que passaram juntas. Noutras, Dolores se perdia observando o jeito com que Elizabete mexia no cabelo, a gesticulação das mãos e a sonoridade das palavras saindo da boca. Dividirem o mesmo teto quando ficarem mais velhas e entrarem para a faculdade, era o plano sempre repetido quando a conversa se aproximava do fim. Dolores permanecia o silêncio em pessoa, hipnotizada pelo movimento dos lábios de Elizabete. Nessas horas era como se apenas o som daquela voz ecoasse ao redor. Movida por um inesperado impulso que, durante muito tempo, não soube explicar, Dolores não se conteve e acabou silenciando toda aquela tagarelice, roubando-lhe um beijo na boca. Foi o seu primeiro beijo. Imaginou que também seria o primeiro de Elizabete. Ainda que não fosse exatamente um beijo apaixonado, como nas ficções televisionadas, tinha a intensidade necessária para sentir os lábios macios e úmidos de quem amava tanto. Elizabete afastou-se sem dizer uma só palavra. Levantou-se abruptamente e se pôs a correr, enquanto Dolores permanecia incrédula com o que acabara de fazer. Horas a fio sentada naquele banco do jardim, numa angústia tão intensa que a inquietude pelo retorno de Elizabete dominava todos os seus pensamentos. Quando sobreveio a noite, Dolores trancou-se no quarto suplicando como nunca para que Deus ouvisse suas preces e perdoasse-lhe as transgressões. Luxúria e fornicção são pecados abomináveis para o Senhor, diziam as freiras, alertando as garotas do Orfanato para não caírem em tentação, permitindo que o mal se apossasse de suas almas por meio deles. O que dizer de uma mente abarrotada de pensamentos pecaminosos, se a mente vazia era a oficina do diabo? Dolores rolou de um lado para o outro na cama sentindo a alma e o corpo inteiro inundado de pecado. Estava suja! Completamente suja pelos desejos mais ardentes! Uma

pecadora imunda, digna dos castigos mais severos. Sobretudo porque tinha plena convicção de que suas orações não tinham a mesma intensidade que os pecaminosos desejos que ardiam em seu corpo.

Imunda! Desejavelmente, imunda!

Clamou intensamente pela visita do doce Anjo maldito e o seu Canto de Agonia: *“Chorei, ontem, a sós, num volutuosso assomo/ Numa prece de amor, numa felícia infinda/ Delícia que ainda gozo, oração, prece que ainda/ Entre saudade rezo, e entre sorrisos e entre/ Mágoas solução, até que esta dor se concentre/ No âmago do meu peito e de minha saudade/ Amor, escuridão e eterna claridade/ Calor que hoje me alenta e há de matar-me”*. Tocava suas partes mais íntimas imaginando que sua mão fosse a de Elizabete. Gemidos irromperam por todo o quarto, alcançando outros espaços sem pedir permissão. Estava em febre, responderia se alguém perguntasse. Pois o que mais queria naquele instante era ter Elizabete ao seu lado. Mais até do que a absolvição dos pecados. Dolores imaginou que toda aquela inquietude cessaria ao ver Elizabete novamente. Contudo, para o seu desespero, na manhã seguinte ela não apareceu no Rafael e nem tampouco no Orfanato, os dias se passaram sem nenhum sinal de Elizabete depois daquele beijo. As noites se tornaram mais longas, como sempre ocorre nos momentos de agonia. Recordações das horas que passaram juntas duelavam com a saudade e as incertezas de um reencontro. Tornar-se outra vez naquela adolescente reclusa e solitária foi inevitável. Imaginando que Dolores sofria com saudades da mãe, as freiras tentavam amenizar sua dor dizendo-lhe para pedir à Santa Teresa D’Ávila o conforto para o coração.

— Ela te ensinará a sentir o amor do nosso Pai Eterno, minha filha, assim como sentiu no momento de extrema angústia e sofrimento.

Uma réplica da Transverberação de Santa Teresa, esculpida pelo Gian Lorenzo Bernini, ficava entre duas velas no criado-mudo ao lado da cama de Dolores. Trouxera a estatueta consigo para o alojamento do orfanato quando a encontrou jogada na rua. Naquela ocasião, considerou que o episódio tinha sido um pequeno milagre em sua vida, como se a própria santa tivesse providenciado aquele encontro. Um pequeníssimo milagre. Disseram-lhe que aquela imagem representa a experiência mística da Santa, trespassada por uma seta de amor divino por um anjo. Dolores não compreendia, até então, como aquela expressão facial da santa poderia ser de amor, e não a dor que, provavelmente, as duas tinham em comum. O gozo da alma, era o que as freiras exaustivamente diziam. Palavras inúteis àquela altura. Assim como foi inútil tentar refugiar-se nos livros ou em qualquer outro meio de esquecer Elizabete. Era das *Lamentações* bíblicas suplicando: “*vê Senhor, e considera a escória em que me tornei!*”, para o *Cântico dos Cânticos*, reacendendo o desejo de ser beijada com “*os beijos da sua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho*”. E de nada adiantava ler *A Consolação da Filosofia* de Boécio, se se sentia habitando n’*A Casa dos Budas Ditosos* de João Ubaldo Ribeiro. As Mulheres de Bukowski nenhuma lhe interessavam, porque o que Dolores queria mesmo era se perder na *Memória de Minhas Putas Tristes* do Gabriel García Márquez: “*À medida que a beijava, aumentava o calor de seu corpo e ela exalava uma fragrância de montanha. Ela me respondeu com vibrações novas em cada polegada de sua pele, e em cada uma encontrei um calor diferente, um sabor próprio, um gemido novo, e ela inteira ressoou por dentro com um arpejo, e seus mamilos se abriram em flor sem ser tocados*”. Tudo parecia inútil. Até Elizabete reaparecer no Orfanato, como se os céus houvessem atendido suas preces.

— Glória a Deus!, ela disse.

Sem temer a rejeição, Dolores aproximou-se na primeira oportunidade. Precisava pedir perdão, dizer que passou pelos maiores tormentos da alma durante todo esse tempo, se acabando em lágrimas por acreditar que não a veria novamente. Dizer que estava arrependida do beijo que deu, não poderia dizer, porque não estava. Mas sabia que deveria pedir desculpas pelo roubo, com promessas de não tornar a fazer aquilo novamente. Não suportaria perder a única amiga que tinha, mas entenderia se ela não quisesse mais falar consigo. Elizabete tocou-lhe a face e disse olhando nos olhos que durante todo aquele tempo ela também chorou. Mas não pelo que aconteceu entre as duas naquela tarde. O que entristecia seu coração era o que estava por vir, com a mudança iminente da sua família para a capital. Foi a deixa para Dolores impedi-la de completar a frase, silenciando-a com outro beijo. Se nenhuma palavra era o suficiente para explicar o que o Êxtase de Santa Teresa representava antes, nenhuma delas serviam para descrever o que Dolores sentiu ao tocar os lábios de Elizabete com os seus. Doces, macios e molhados lábios que elevaram seu corpo e sua alma para além de qualquer sentimento experimentado até ali. Respiração, fruição sanguínea, temperatura, seu corpo inteiro era um vulcão em erupção. E uma tremedeira nas pernas que a qualquer instante a levaria ao chão. Aquela estranheza da Santa, aquela sensação de êxtase que ela não entendia estava igualmente estampada em sua face. Sentia-se a própria Teresa experimentando a plenitude do gozo. Elizabete e Dolores tornaram-se, assim, a primeira uma da outra. E no que dependesse de Dolores, Elizabete seria a única para sempre.

Durante os sete meses seguintes mantiveram o caso de amor proibido, encontrando-se às escondidas e casualmente — apesar de a intensa vontade de permanecerem juntas o tempo

inteiro. As estações do ano passaram, sobreveio outro verão e os seus primeiros raios solares, que desta vez aqueceriam o último beijo. Depois de Elizabete, Dolores nunca mais teve alguém para chamar de amigo, ou se envolver intensamente. Alguns homens até passaram por sua vida. Vieram e se foram sem deixar nenhuma lembrança digna de recordação. Estavam sempre de passagem. O que ela nunca lamentou. Sobretudo porque, para além do gozo de uma certa liberdade, casar significava aceitar de bom grado o ensinamento bíblico de que toda mulher deve ser submissa ao homem, assim a ensinaram. E mesmo seguindo firme em sua devoção, tal desígnio era praticamente uma condenação à morte, ou coisa pior.

II

Como eu lhe disse antes, Doutor Delegado, conheço a Dolores desde a época em que eu era apenas um adolescente servindo o altar. Era coroinha, Doutor. Os coroinhas são servos de Deus que adoram imitar o capeta, é o que todos dizem. E, de fato, não conheço unzinho sequer que não tenha tocado o terror nos bastidores da santa missa. Éramos como Chiara d'Assisi e Francisco, a representação da beleza aqui na terra, e eu apenas um pequenino feixe de luz que brilhou sobre o seu rosto. Ou, se preferir, éramos como Abelardo e Heloísa, porque o destino que se abalou sobre mim, quase esfacelou-me em pedaços. Dolores foi e sempre será o grande amor da minha vida, Doutor Delegado. Toda vez que ela saía do trabalho, trazia algo para eu comer. O Van Gogh era quem ficava com as melhores partes, ou até mesmo com o rango todo, quando o dia não tinha sido lá grande coisa. Mas a gente, Doutor Delegado, eu e a Dolores, nunca deixamos de falar um com o outro.

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2020.
